

Cláudio Petraglia, pianista e compositor, iniciou sua carreira em São Paulo musicando peças de teatro como **O Doce Pássaro da Juventude**, **Escola de Maridos** e **As Feiticeiras de Salém**. Do teatro foi para a tevê, onde dirigiu durante três anos um teledrama, e da tevê para o cinema, escrevendo roteiros para seriados, fazendo a primeira dublagem de longa metragem, diálogos de um filme brasileiro, **O Pescador e Sua Alma**, e música, sempre música. Mas o sucesso se deu com a peça **Oh, que Delícia de Guerra**, onde fez quase de tudo: produziu, montou os cenários e muito mais. Mas Cláudio já lutou até com Tarzã e com um leopardo durante uma filmagem em que foi assistente de direção. Da sua carreira, entretanto, o fato mais pitoresco se deu na ocasião em que dirigia um conjunto de música renascentista: promovendo um concerto no interior, recebeu como pagamento uma vaca que, apesar de não ser sagrada, era de raça. Agora, seus planos estão visando o cinema, pretendendo dirigir e produzir um filme, uma comédia musical que terá o seu roteiro.

Miriam Mehler nasceu em Barcelona, mas se considera bem brasileira, pois chegou aqui com dois anos. Sua vocação pelas leis parou no 1.º ano de Direito, quando abandonou a faculdade pela Escola de Arte Dramática de São Paulo. Sua estréia foi em **Éles Não Usam Black-tie**, trabalhando depois em **Panorama Visto da Ponte** e **A Lição**, de Ionesco. No Rio representou outras peças, durante um ano, como **De Repente no Último Verão**, voltando então a São Paulo e para o Teatro Oficina, participando de **Andorra**, **Quatro num Quarto** e **Pequenos Burgueses**. Agora Miriam é **free-lancer**, atuando só na televisão, mas esperando que surja um bom papel no teatro. "Trabalho sério e honesto, pesquisa, vontade de aprender e uma certa inquietação constante fazem com que um artista vá para a frente, se tiver vocação, é lógico", afirma, embora ela não saiba se alcançará o grande sucesso. Miriam não tem planos ambiciosos para o futuro, mas gostaria de fazer cinema, tentativa que não exclui de modo nenhum o teatro.

Paulo Afonso Grisolli, jornalista há 14 anos e atualmente chefe do **Caderno B do Jornal do Brasil**, começou suas experiências teatrais em São Paulo, com um grupo amador. Depois de escrever algumas peças, participou de um seminário de dramaturgia, do Teatro de Arena, que em 1959 foi administrado por ele. No Rio, suas atividades se aceleraram e teve a sua primeira experiência como diretor, no teatro da BIBSA. Em 61, depois da terceira montagem, seu grupo arrebatou quase todos os prêmios do I Festival de Teatro Amador, o que lhe garantiu uma bolsa de estudos na França pelo seu trabalho de direção. Lá estagiou com Jean Villar, em Paris, e Roger Planchon, em Villeurbanne. De volta, e com mais experiência, dirigiu **A Sagrada Família**, obtendo menção honrosa do Conselho Nacional de Teatro. Fundando o Grupo Mambembe levou à cena **Electra**, de Sófocles, em Niterói, que considerava ser um núcleo definido e concentrado de platéia. Com **Terror e Miséria do III Reich**, **Morto sem Sepultura** e **As Troianas**, Grisolli entrou no mercado de trabalho, tendo alcançado o apoio da crítica

especializada com a direção e adaptação de **Onde Canta o Sabiá**, de Gastão Tojeiro. Mas depois de uma soma de experiências que trouxeram alegrias e frustrações e de uma viagem à Europa, é de opinião que "o espírito criador não pode se estruturar num esquema comercial tendo como necessidade o sucesso de bilheteria. A criação é permitido o êrro e o fracasso". Agora Grisolli está dirigindo um grupo francês do Rio, numa peça também francesa, visando apenas a uma continuidade de trabalho.

Armando Bogus fazia teatro no colégio, em São Paulo, e achava um ótimo negócio ser ator, pois podia dormir até mais tarde quando havia ensaio. Tentou vestibular de Direito, de Arquitetura, levou bomba e desistiu, indo, então, trabalhar no comércio e na indústria com o pai, até que em 1955 estreou na televisão, já profissionalmente, em **Pif-Paf**. Ganhava quinhentos cruzeiros por peça. Rui Afonso, que fazia parte deste grupo, convidou-o para os Jograis. **Moral em Concordata** e **Auto da Compadecida** foram as peças que se seguiram. Na fase do Pequeno Teatro de Comédia trabalhou em **Alô 36-5499**, **Pic-Nic** e **Plantão 21**. Quatro anos de televisão deixaram Armando longe do teatro, retornando ao palco com **O Ovo**. **A Megera Domada** e **Oh, Que Delícia de Guerra** seguiram-se, e agora, **Marat-Sade**. As últimas peças são as suas prediletas, mas reconhece que **Auto da Compadecida** foi um passo importante na sua carreira de ator. "Minha intenção é fazer sempre algo que transmita ao público uma mensagem, uma opinião, um apêlo de definição. Para quem trabalha em arte, perseverança e estudo contínuo deve ser o lema. O ideal é que o ator consiga aliar o esquema técnico ao sentimento." Continuar um trabalho em equipe, construir uma casa de espetáculos e fazer cinema são os planos de Bogus.

Isabel Ribeiro, ou melhor, Frederica Isabel lat Ribeiro, nasceu em São Paulo, apesar de ter uma preferência marcada pelo Rio, que considera uma cidade mais humana. Começou no Teatro de Arena há uns cinco anos quando se preparava para fazer a Faculdade de Filosofia, mas resolveu trocar Platão pelo palco. **Mandrágora**, **O Noviço**, **Filho de Cão**, são algumas peças que representou em São Paulo, e **A Moratória**, **O Senhor Puntilla** e outras marcaram sua passagem entre os cariocas. Hoje ela pensa em retornar aos estudos, mas sem abandonar a arte que já é um fator de importância em sua vida.

Lauro César Muniz formou-se em Engenharia em São Paulo, guardou o diploma e decidiu mesmo escrever para o teatro. Depois de um curso na Escola de Arte Dramática estreou **O Santo Milagroso**, peça de sucesso que virou filme e foi montada no Rio, Montevideu e Curitiba. **A Morte do Imortal** foi seu trabalho seguinte, e, apesar de tê-lo considerado o melhor de todos, não foi bem sucedido, enquanto que **Infidelidade ao Alcance de Todos**, na sua opinião uma peça fraca, está em cartaz há quase um ano. Atualmente suas atenções estão tôdas voltadas para **Comédia Atômica** que espera lançar

breve. Para Lauro, o sucesso de uma atividade depende de talento, como ponto de partida. "Eu não me considero um autor realizado, apenas um estreante. Minha vida gira em torno de escrever, seja para o teatro, cinema ou televisão, e com um denominador comum, que é a preocupação de crítica social."

Marília Pêra nasceu no Rio há 24 anos, numa família de artistas, e foi criada nos bastidores dos teatros, em meio a ensaios e apresentações. Aos 4 anos teve o seu primeiro papel, em **Medeia**, de Morineau. Marília viajou muito pela Europa em **tournés** com a família, mas sem representar. Depois iniciou seus estudos de balé e piano, ocasião em que começou a trabalhar na televisão como bailarina. Mas sua estréia profissional se deu em **De Cabral a JK**. A nova carreira levou-a ao México, Argentina e Chile. Teve um papel em **My Fair Lady**, mas sua primeira oportunidade como atriz se deu em **Como Vencer na Vida sem Fazer Fôrça**, o que abriu caminho para o seu campo de trabalho. Em **Onde Canta o Sabiá** ela considera ter sido seu melhor desempenho: "foi realmente a peça que deu um empurrão na minha carreira". Depois fez **A Ópera dos Três Vinténs**, e atualmente **A Úlcera de Ouro** e **A Megera Domada**, sendo responsável nestas duas peças também pela coreografia. Brevemente estará participando de um **show** de Carlos Machado. A maior preocupação de Marília é a comunicação com o público, e por isso ela estuda a platéia tôdas as vezes que entra no palco. Em sua opinião ainda não alcançou o sucesso: "estou insegura e preciso aprender e estudar muito. Quando piso no palco tenho dúvidas quanto ao meu desempenho, medo de não me sair bem". Sucesso para ela é o conhecimento e respeito do público pela atriz, "como acontece com Fernanda Montenegro".

Cláudio Cavalcanti ingressou na vida artística "sem querer". Um amigo, que fazia teatro amador, sempre insistia para que ele participasse de seu grupo, e Cláudio recusava. Mas um dia, esse mesmo amigo convidou-o a acompanhá-lo ao TBC, onde faria um teste para a peça **Nossa Vida com Papai**, e o papel ficou sendo seu. Depois descobriu o teatro e no seu entusiasmo pela carreira não pretende mais deixá-la. Seus conhecimentos foram aumentando com as experiências de trabalho, inclusive em tevê, onde fez teatro com Flávio Sabag, e mais tarde com uma bolsa de estudos oferecida pelo Studius Produção. Em **O Bem-Amado** considera ter alcançado seu maior sucesso, com bastante público: "isto é muito bom para um artista, incentiva bastante. Prefiro trabalhar numa peça comercial, mas que atinja um grande público, do que numa grande obra, mas de pouco alcance. Não há nada pior para um ator do que representar para quatro pessoas na platéia, como aconteceu comigo em **Antígona**, peça de grande valor, mas que só interessava a uma minoria intelectualizada". Em **A Bossa da Conquista** fez um papel que considerou um desafio, o de um cafajeste, e agora em **A Úlcera de Ouro** canta a dança, "coisa que não faço nem em festa". Cláudio, além de teatro, faz também cinema, e trabalhará numa comédia colorida, dirigida por Vítor Lima.

De onde vem a arte de hoje? Qual sua mensagem? Que têm de comum e que diferencia os jovens artistas de vanguarda? Estas e muitas outras perguntas são freqüentemente feitas pelos amadores e críticos de arte diante da confusa produção artística dos nossos dias. Para chegar-se a uma solução é necessário levar-se em conta que a arte de hoje exprime o mundo em que vivemos, talvez mais que os movimentos havidos nos últimos cinquenta anos. É ele que a forma e deforma. Se o nosso mundo padece de dramas angustiantes, sofre o tumulto e a histeria das grandes metrópoles, influencia-se pela propaganda em massa, sua arte, se legítima, deve tudo isso refletir. É evidente que o reflexo artístico des-

se tumulto será também tumultuoso e heterogêneo. Cada um, dentro da sua tendência, exprimirá o coletivo e o particular, ao mesmo tempo. Desta maneira, as mais variadas manifestações, as mais inusitadas técnicas aparecerão; desde a **pop-art**, espelhando a vertigem das grandes cidades, à **op-art**, retratando o lado científico da nossa civilização tecnocrata. O Brasil, fazendo parte integrante desse mundo, ao menos nos grandes centros populacionais, não poderia deixar de

refleti-lo. Entretanto, entre nós a comunicação **pop-art** foi muito mais adotada que a **op**. Qual o fundamento comum dos **op-artistas**? Primeiro veremos sua descendência espiritual. Evidentemente são eles neodadas. O dadaísmo foi um movimento que apareceu na Suíça, em 1917, quando um grupo de intelectuais e artistas, revoltados com o massacre da Primeira Guerra Mundial, lançou em manifesto sua revolta contra os valores da cultura ocidental. Para eles de nada valeram os milhares de anos gastos em aperfeiçoamento artístico e moral, em face da cala-

midade da guerra. De que adiantaram os museus, os teatros, a literatura, a moral burguesa? De nada — respondiam. Então, abaixo os museus, os teatros, a literatura, a moral burguesa. Era necessário que se fizesse uma arte antiarte e antiburguesa. Em Nova Iorque, Marcel Duchamp causa escândalo exibindo numa exposição de arte um vaso sanitário; em Colônia, na Alemanha, o grupo dadaísta promove uma exposição em que aos espectadores é dado um machado para que possam destruir as obras de que não gostem e, no meio do tumulto causado pela ira do público, uma bela jovem, vestida de primeira comunhão,

recitava poemas obscenos (hoje os **pops** promovem os **happenings** com idênticas intenções); Picabia pintava uma Gioconda com enormes bigodes. Era o protesto violento, chocante e provocador. Enfim, como eles mesmo diziam, a antiarte. Num mundo em que a ameaça atômica e o **stress** são fatos cotidianos, cabe perfeitamente o neodada, por isso ele aparece dentro do movimento **pop**, que lhe acrescenta um conteúdo atual: a presença da megalópole (a "imensa cidade caótica", segundo Lewis Mumford). Os elementos que caracterizam a megalópole são empregados com freqüência, tais como

anúncios luminosos, sons, luzes que se deslocam, cenas de histórias em quadrinhos, **slogans** de propaganda. A crítica à sociedade moderna, ao mecanicismo, ao militarismo e ao clericalismo vem à tona. Há ainda outra constante dos nossos tempos: o erotismo, que aparece no dia-a-dia urbano sob as mais diversas e ostensivas manifestações, desde a literatura e o cinema até a propaganda comercial. Enfim, tudo isso vem à superfície na **pop-art**, seja de maneira subliminar, seja despidamente. A manipulação da obra pelo público — reminiscência dada — também, às vezes, aparece. O espectador é convi-

OS JOVENS NAS ARTES PLÁSTICAS



REGINA VATER

ROBERTO MAGALHAES

CARMELA GROS

ANA BELA GEIGER

JOSÉ TARCISIO RAMOS

CARLOS ZILIO

MARIA HELENA CHARTUNI

ANTONIO DIAS

PAULO GUILHERME SAMY

CARLOS AUGUSTO VERGARA

VERA ILSE

MARCELO NITCHE

dado a agarrar os objetos, a fazê-los moverem-se ou mesmo a destruí-los. Todos esses elementos introduzidos nas obras, evidentemente, fizeram que elas não mais façam parte de qualquer das manifestações clássicas, não mais são pintura, nem escultura, nem gravura, são "objetos" que participam de um mundo novo de uma "nova objetividade", como eles dizem. Foi varrido o mundo sutil da pincelada, das transparências. O artista frequentemente deixa de lado o pincel ou o cinzel e vai em busca dos mais diferentes e insólitos, há a caça ao lixo e ao ferro-velho. É um vale-tudo revolucionário, que ultrapassou as maiores audácias dos antigos modernistas. É inútil, portanto, perguntar diante de um "objeto", que é isso? O "objeto" é "isso", e o "isso" é tudo e nada ao mesmo tempo. É inútil, também, usar os critérios tradicionais da crítica de arte para o julgamento estético dos "objetos". O "objeto" não deseja ser arte, portanto, não deseja ser estético. Não é bom nem ruim, é "isso". Então, como apreciá-los? Ainda é difícil. Seus autores e seu movimento são muito jovens e pela larga porta aberta desse vale-tudo entrou uma multidão que só a peneira do tempo poderá separar o talento da mistificação. O que se pode dizer é que o movimento é válido no seu todo.

Entretanto, nessa multidão já se podem distinguir alguns artistas que não vivem apenas porque existe uma "nova objetividade", mas que poderão existir fora e depois dela. Eis alguns: Hélio Oiticica é o teórico do grupo. Constrói enormes espaços em que o espectador pode entrar como numa arquitetura. É frio, calculista; é um artesão meticuloso. Sua participação no movimento concretista lhe deu amor à ordem e à limpeza, o que contraria, em parte, a técnica tumultuosa da **pop**, se é que a **pop** tem uma técnica definida.

Carlos Vergara, numa técnica quase fotográfica, conta, em grandes trípticos, uma estória veladamente erótica. Tem especial talento para atrair o espectador, que é obrigado a decifrar imagem por imagem pintada até compor um todo coerente. Carlos Zilio procura a crítica social por processos próximos ao usado pelo surrealismo. Por exemplo, amontoa cabeças de gesso numa vitrina. As cabeças são absolutamente idênticas, em todas há um número e a palavra "sim" escrita na boca. Em cima, uma enorme mão com o indicador apontando para as figuras e a mesma palavra em letras maiores. É fácil desvendá-lo: é uma evidente alusão à massa anônima e obediente

que apenas sabe pronunciar a palavra que lhe ordenam. O jovem Tarcísio chegou há pouco do Ceará. Ainda há três meses vacilava, agarrou-se ao **pop** pelos cabelos, transformou-se, obteve a cidadania artística por meio de enormes desenhos surrealistas-pops que lhe prometem um bom futuro.

Roberto Magalhães já é um artista realizado. Seu desenho minucioso, cheio de surpresas e apelos, de labirintos e minúsculas figuras que se entrelaçam, animadas de movimento constante, como um formigueiro, é excelente. Hoje poucos desenhavam como ele. Antônio Dias já é um nome internacional, cujo sucesso muito deve ao crítico francês Pierre Restany, o oráculo da **pop-art**. Sua técnica vem de Fernand Léger, é portanto uma técnica dura, violenta, de simplificações cruas. Sua obra insólita penetra no espectador com seu agressivo sexualismo. Suas figuras eróticas e flácidas espiam perigosamente o espectador. Ana Bela Geiger é uma gravadora fora do comum. Dentro de uma técnica tradicional, que ela domina perfeitamente, cria um mundo abstrato, mas cheio de um viver intenso, quase doloroso.

A paulista Maria Helena Chartuni aproveita-se dos ídolos populares (Pelé, Roberto Carlos, Erasmo Carlos etc.) colocando-os, em enormes retratos, na posição de falsos ídolos.

Vera Ilse também inspira-se nas histórias em quadrinhos e em certo erotismo subliminar. As cores fortes, as listras vermelhas e brancas no fundo dos seus quadros é que dão intensidade e dinamismo à obra.

Marcelo Nitsche é outro amante das historietas e dos balões que nelas exprimem ação ou ruído. Eis um quadro seu: um alvo vermelho, uma fita metálica enrolada; na frente, um balão de história em quadrinhos dentro do qual se acha escrito, em grandes letras: **Buum!**

Assim são eles. Outros mais ainda poderíamos citar, entre os quais o não menos importante Rubens Gerchman, com sua contundente crítica social e seus polípticos de cores transportadas de um quadro a outro. É impossível prever qual e como será a arte de amanhã. Tudo pode acontecer, como tudo aparentemente já aconteceu desde que os impressionistas, há cem anos, colocaram seus cavaletes em frente a uma paisagem qualquer tirando a pintura dos sombras ateliês. A partir de então, a arte moderna passa ao poder e lança-se numa corrida veloz que a conduz aos saltos e trancos através de muitos "ismos", a saber: impressionismo, neo-

impressionismo, nabismo, fauvismo, expressionismo, cubismo, futurismo, raionismo, dadaísmo, simultaneísmo, neoplasticismo, surrealismo, primitivismo, purismo, concretismo, tachismo, **pop-art** e **op-art**. Temos certeza de que enquanto houver arte e enquanto houver jovens os "ismos" não pararão.

FLÁVIO DE AQUINO

Maria Helena Chartuni fazia arte abstrata de inspiração oriental, o que revelava sua preocupação com texturas, até 1963. "Mas fiquei saturada daquele tipo de expressão", afirmou, "e resolvi apresentar as coisas de maneira diversa, mas sem perder a visão delas, usando figuras recortadas em materiais essencialmente atuais. Era o mesmo ambiente, mas visto de maneira diferente. Partindo desse tema, agora, faço o que chamo de construção plástica, onde uso duratex e tela, pintando sobre isso minhas figuras. Anteriormente, quando recortava, fazia crítica social, mas passei para a fase mística, onde me ocupo com a reverência que a massa presta a seus ídolos." Maria Helena expôs na VII Bienal de São Paulo e na VII Bienal de Tóquio, em 65. Uma mostra individual de seus trabalhos foi apresentada na Galeria Selearte, em 64, e no ano seguinte fez parte do II Salão do Jovem Desenho Nacional. Em 66, participou de uma coletiva na Galeria Atrium, de São Paulo, e foi uma das artistas da exposição itinerante da Olivetti, **O Artista e a Máquina**.

Carmela Gross desde que começou a fazer parte da Fundação Álvares Penteado, em São Paulo, no Curso de Professores de Desenho, vem acompanhando o movimento de vanguarda na arte. Entusiasmada pelo trabalho que desenvolve no Grupo da Praça, o mesmo de Nitsche, a ele dedica grande parte do seu tempo. "Acredito muito na educação das crianças através da arte, e em um país como o Brasil, é extraordinária a comunicação que o desenho estabelece. Como todos os outros, peço a comunicação, e tenho ainda muito para descobrir." Carmela já participou de uma coletiva da Fundação A. Penteado, da exposição Sex, de artistas da Rex Gallery, e do II Salão de Campinas.

Regina Vater mora em Ipanema, (Rio), tem 24 anos e pinta nova figuração. Sua pintura não é feminina nem feminista, mas é uma pintura de mulher, pois afinal ela tinha que transpirar, já que, como ela própria afirma "a arte é a minha maneira de transpirar, a minha condição de ser humano". Em seus desenhos e quadros, a mulher é sempre tema, quer como origem da vida, quer como mercadoria de propaganda, quer como objeto amado ou cobiçado por um grupo de homens vorazes que a devoram como na peça de Pinter. Regina, através de sua arte, não reivindica nada, apenas testemunha a presença desta mulher estilizada em garota-propaganda ou **miss** destituída de cérebro, pronta para servir de motivação de massa através dos canais publicitários a que o homem hoje em dia se condiciona cada dia mais, sem sentir. "Me impressiona muito na mulher — diz Regina — o fato de ser ela o receptáculo da vida, a geratriz no mundo de hoje em que o caos das angústias e conflitos individuais ou coletivos se amontoa e explode cada vez mais

em torno de nós, fazendo-se necessário uma volta à origem que poderia ser psicanaliticamente, mas eu o faço artisticamente." Sua pintura é quase uma auto-análise, onde busca todas as suas fantasias. Regina ganhou este ano quatro prêmios, dentre eles a Isenção de Júri no Salão Nacional, e foi convidada para a Bienal de Paris, programada para breve.

José Tarcísio Ramos teve seu primeiro contato com a arte nas calçadas das ruas do Ceará. Com carvão e giz, preto e branco, uma lata com água e uma vassoura, passava as tardes desenhando. Como muita gente olhava o menino de oito anos, sua timidez fez com que ele transferisse suas experiências para o papel. Em 1960, Antônio Bandeira foi a Fortaleza, Tarcísio levou alguns desenhos para ele ver e recebeu um conselho: deixar as dificuldades da terra e se mudar para o Rio. E para o Rio ele veio como fotógrafo, o que não impediu que continuasse com os seus desenhos baseados em formas circulares. As grandes figuras humanas, tônica dos seus quadros, são as mesmas figuras que viu passar na frente de sua casa, já que procura ser fiel às suas origens. Tarcísio considera-se um desenhista de vanguarda, e acredita no artista participante. É de opinião que este tem grande responsabilidade como orientador da opinião pública. Tarcísio, quando expõe, faz questão de explicar a sua arte, de conversar e sentir as reações do público aos seus trabalhos.

Roberto Magalhães e Andrea, sua mulher, alugaram um estúdio pertinho de Champs Elysées. Esta há poucos meses em Paris, graças aos prêmios de gravura que recebeu: duas bolsas de estudos, uma de dois anos pelo Salão de Arte Moderna e outra do governo francês. Atualmente vem produzindo muito, embora tenha deixado a gravura pelo desenho, desenho lento e de muitas cores. Mesmo sabendo que viverá por dois anos em Paris, e mesmo ainda sem planos para exposições, uma prorrogação já está incluída, talvez como Antônio Dias, disposto a uma estada definitiva. Mas, por enquanto, Roberto está preocupado em ver e viver Paris e deixar que, com o tempo, a cidade o descubra para si e para o mundo.

Ana Bela Geiger, carioca, de pais judeus poloneses, cresceu num mundo de recortes, montagens em papel e outras características da arte popular européia, influências que mais se fizeram sentir no período da II Guerra. Começou a desenhar com Fayga Ostrower em 1950, tendo realizado algumas exposições em salões nacionais no Rio. Quatro anos mais tarde foi para o Canadá, e um ano depois voltou ao Brasil, expondo desordenadamente, até que em 60 começou a fazer gravuras no ateliê do Museu de Arte Moderna. Tendo que interromper o seu trabalho por três anos, Ana Bela confessa sentir um certo esvaziamento de uma procura essencialmente estética, buscando uma comunicação mais objetiva. Superfícies e relevos marcam a sua obra, que trata do homem, da sua funcionalidade orgânica. Para ela, imaginação e realidade servem para o mesmo propósito: construir em partes todo um ser.

Carlos Zilio foi autodidata até aos 18 anos, quando entrou para a Escola Nacional de Belas-Artes, onde Iberê Camargo lhe deu toda uma base de especialização. Trabalhando sempre sozinho, sua estréia foi no Salão de Abril, em 1966, quando entrou em contato com o grupo Opinião 65.

Antônio Dias, então, convidou-o a participar de algumas exposições, como a da Galeria Convívio, em Salvador, e por fim sugeriu seu nome para Opinião 66. Segundo Carlos Zilio, com seus 22 anos, sua arte tem um conteúdo político-social. Suas cores são básicas, chapadas, e para ele "não existe mais a pincelada que antigamente era a personalidade do pintor. O importante é o fato de estarmos condicionados por toda uma propaganda visual, marcada pelo consumo imenso da história em quadrinhos que começa na infância".

Antônio Dias foi o vencedor do prêmio de pintura na Bienal de Jovens em Paris, e lá se encontra com uma bolsa de estudos do governo francês. Nosso **bureau** foi encontrá-lo em seu ateliê montado num estúdio do Quartier Latin. Já fez uma exposição individual e três coletivas, no Salão de Maio, **Le Monde en Question**, ambas organizadas pelo Museu de Arte Moderna, e a **Zoom 2**, na Galeria Blementhal. Visitas a galerias e museus e contatos com o mundo artístico ocupam o tempo de Antônio Dias. Sua bolsa termina agora, em julho, mas pretende se radicar em Paris, como trampolim para outras jogadas e para o sucesso internacional. O Brasil não será esquecido, mas ficará para inspiração e visitas quando mais tarde bater a saude.

Hélio Oiticica iniciou-se em 1954 com Ivã Serpa. Fez parte do grupo Frente e mais tarde do Neo-Concreto, começando experiências que viriam depois tornar-se o que chama arte ambiental. Nesta época surgiram as suas primeiras estruturas suspensas no espaço. Núcleos, caixas e vidros caracterizaram algumas de suas fases. Na exposição do grupo Opinião 65, no MAM, apresentou suas capas Parangolé, que o espectador vestia e fazia descobertas no próprio corpo. Foi um escândalo memorável e quiseram até chamar a polícia. Com artistas de vanguarda participou do movimento de Nova Objetividade, expondo **Tropicalia**, uma mistura de favela, jardins com plantas, araras, pedrinhas formando um labirinto colorido onde se escondia um receptor de tevê, num gênero que denominou "penetrável", pois há uma grande participação do espectador. Atualmente Oiticica está interessado em movimentos que abrangem a coletividade, que seria solicitada a se expressar. Vai participar da Bienal de Paris, em setembro, onde mostrará suas capas de protesto, numa antiarte por ele definida: "A derrubada de toda coisa estabelecida, ato criador despertado numa coletividade inteira e que deixa de ser uma qualidade individual do artista."

Paulo Guilherme nasceu na ilha de São Francisco do Sul, no litoral de Santa Catarina, chegou ao Rio com 15 anos e com ambições que se resumiam num curso clássico e numa Faculdade de Direito. Mas ele não contava com um sábado de manhã, em que descobriu a cidade, e nem com **Manhã de Sábado**, sua primeira poesia, que lhe permitiu uma segunda descoberta: a forma e a cor como meio de expressão. Uma aquarela, uma experiência e daí veio desenvolvendo a sua pintura, oscilando entre os tons verde-azul e vermelho-rosa. Arte, para ele, tem definição: "Intensifica a vida e acelera nossa maneira de conhecer, e além disso desenvolve nossa liberdade, porque dentro de uma tela, apesar de todas as limitações da técnica e da linguagem, me sinto livre." Seu traço ficou muito vinculado ao

estilo da propaganda, e por causa desta interligação entre arte e vida seus quadros exprimem amor, ódio, protesto, civismo e muitos outros sentimentos. Para Paulo Guilherme, uma tela é um campo de luta, onde o artista exprime todas as suas emoções. Se este quiser se limitar a exprimir apenas uma, entrará em crise, "pois não se pode ficar condicionado apenas a uma fatia da realidade e sim à sua totalidade".

Carlos Augusto Vergara, aos nove anos, copiava capas de uma revista argentina, **Parati**, que sua mãe lia. Nessa época, em São Paulo, desenho era uma brincadeira, mas a arte foi se manifestando sob a forma de cerâmicas, relevos em cobre e jóias. Em 1963, já no Rio, enviou doze jóias para a Bienal de São Paulo e todas foram aceitas. Mas isso ainda não bastava e pediu a uma amiga que o apresentasse a Iberê Camargo. Vergara mudou-se praticamente para o ateliê do pintor, onde, de acordo com seus conceitos, aprendeu três regras básicas que tornam um artista autêntico: ser humilde, saber ver e ser sério. Para ele, "obra de arte é uma coisa que o homem faz e que faz parte do homem. Daí a nossa luta para tirá-la de sua condição mística. Arte é palpável, usável". Vergara quer viajar, porque considera a falta do mercado nacional um dos grandes problemas do artista brasileiro. "O homem e o seu mundo" é o seu tema, mas faz questão de afirmar que se reserva "o direito de não ter compromisso nenhum com o que hoje penso. Minha incoerência é uma das coisas que me movem e inspira".

Vera Ilse, quando freqüentava a Faculdade de Arquitetura (São Paulo), em 62, começou a se dedicar à pesquisa de materiais. "Adquiri técnica, mas achei que se ficasse naquilo, o máximo que poderia transmitir seria um estado de espírito. Por isso, dois anos depois passei à figura, achando que somente através da imagem se chega ao público. Nessa época apresentava em minhas telas, como tema, os problemas psicológicos, mas, no ano passado, mudei, preocupando-me com os sociais. Em minha opinião, o público em geral demonstra desinteresse pela arte. Tenho muita vontade de sair pelo Brasil afora, em grupos itinerantes, pois acredito no contato entre pessoas através dos valores artísticos." Vera desde 1963 participa do Salão Paulista, onde obteve, naquele ano, a medalha de prata e mostrou significativas, como a Proposta 65 e Nova Objetividade.

Marcelo Nitsche, todos os domingos, em plena praça pública, dá aula de desenho para crianças. Mas ele não é o único a formar o Grupo da Praça, criado pelos alunos do Curso de Professores de Desenho da Fundação Álvares Penteado, em São Paulo. Marcelo dedica seu tempo à pintura, fazendo parte da vanguarda. "Como pintor estou sempre envolvido em novas pesquisas", afirma, "mas nem sempre os resultados me conduzem a mudar minha maneira de expressão. Agora, por exemplo, estou muito ocupado pesquisando as imagens essencialmente urbanas que encontro nos tintureiros e nas carrocerias de caminhão. Não sei ainda no que vai dar, mas o importante é atingir o público, usando as próprias imagens de sua vida diária." Marcelo expôs no Salão de Campinas, no ano passado, onde obteve menção honrosa, nesse ano, em março, na Rex Gallery ("destruída" por um **happening**) e, em maio, fez parte da mostra Nova Objetividade, realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

As grandes somas despendidas pelo cinema-indústria estrangeiro (especialmente o norte-americano) para firmar como cartazes os bonitões e as bonitonas descobertos pelos estúdios, fazem com que esses "astros-mercadoria" sejam obrigados a render dividendos por muitos e muitos anos. As incríveis verbas publicitárias, jogadas na promoção e no endeusamento de seus atrativos, tiveram como consequência vermos Gary Cooper virando corações de muitas gerações, na última das quais já se poderiam incluir suas próprias netas; Danielle Darrieux casando a filha e namorando na tela jovens que poderiam ser seus genros; ou Ray Milland com cabelos (peruca) de avô, apaixonando Audrey Hepburn. Malgrado todos os outros defeitos, nosso cinema está por enquanto livre deste, e aí temos uma vantagem do subdesenvolvimento e do pouco passado de nossa indústria cinematográfica. Até pouco tempo atrás nossas realizações boas ou más eram fenômenos isolados, e seus participantes — afora heróicas exceções — eram recrutados do teatro e do rádio e a eles retornavam após cada tentativa nas telas grandes. Assim, não temos nenhum galã de sessenta anos, nenhuma "deusa-sexy" que tenha excitado duas gerações em nossos filmes. Felizmente o cinema nacional vem sofrendo um impulso invulgar, com a transformação radical de seus méto-

dos de produção, de sua temática e de sua qualidade técnico-artística. Já não há mais o "carnavalesco", e parece que passou a fase do "Nordeste sangrento". Gente mais môça tomou as rédeas da criação cinematográfica entre nós, trazendo novas concepções de produção, uma maior (embora às vezes desmedida) preocupação com o conteúdo, e novas caras para as telas. Disso resultaram os grandes filmes premiados como **Pagador de Promessas**, **Assalto ao Trem Pagador**, **Vidas Sêcas** e outros que marcaram sucesso de crítica e de público. Disso resultou um nôvo interesse dos empresários em investir no cinema, possibilitando realizações de maior fôlego. E a inusitada confiança depositada nos jovens em geral trouxe o surgimento de novos nomes nas fichas técnicas assinando a direção, os roteiros, as músicas, e **new-faces** diante das câmaras. Vieram o cinema

social, o cinema nôvo, o cinema-verdade; e talvez venham outros "cine-mas", como vieram vários "ismos" nas artes plásticas.

O público assiste a essa renovação sempre esperançoso de uma melhoria geral. E se por vezes sai da sala de projeção sentindo-se recompensado, outras vezes decepciona-se com a confusão e incipiência dos realizadores apressados que resolveram salvar o cinema urgentemente, abordando temas para os quais lhes falta a devida maturidade, ou criando fórmulas pseudo-revolucionárias; ou ainda lançando-se em produções pretensiosas sem condições financeiras, técnicas ou artísticas que lhes permitam alcançar o resultado pretendido. Mas uma coisa fica patente: faz-se muito cinema com intenção de acertar, e esse cinema é criado por gente realmente jovem que há cinco anos atrás era totalmente desconhecida. Esse surto nôvo e vigoroso traz em seu bôjo muito trigo e muito joio. A facilidade que hoje existe para a mocinha virar estrêla ou o **playboy** tornar-se ator, para o aficionado virar diretor ou o imaginoso fazer um roteiro, tem trazido à tona gente absolutamente despreparada que poderia vir a ser boa se trilhasse o duro caminho do aprendizado gradativo. Antes de dirigir, o jovem

OS JOVENS NO CINEMA

PAULO JOSÉ

CARLOS DIEGUES

DOMINGOS DE OLIVEIRA

ARDUINO COLASANTI

MARIETA SEVERO

HELENA INÊS

LEILA DINIZ

EDUARDO COUTINHO